

Rabisco de criança, passos de balé

Projeto Social em São Sebastião muda vida de 25 meninas através da arte

ADRIANA DUARTE
adrianavduarte@gmail.com

Fazia alguns meses que o projeto havia começado.

A menina tímida já estava mais falante, aprendeu a dançar e fez novas amizades. O pai, desempregado, não cansa de agradecer a transformação que uma sonhadora bailarina fez na vida da filha. São histórias assim, rabiscos de progresso, que o projeto Garatuja criou em São Sebastião.

A menina em questão é uma das alunas de Daniela Pereira do Couto, 29 anos, nutricionista por profissão e bailarina por ideal. Daniela dança desde os 5 anos de idade, e ao receber os aplausos do público, sentia sempre uma inquietação muito grande. Achava que fazia pouco. Para ela, não bastava apenas coordenar passos de dança contemporânea com a música, precisava de respostas.

Hoje, essa bailarina encontrou não apenas uma, mas 25 razões para que toda aquela inquietação inicial fosse superada. Daniela coordena um projeto social que busca o desenvolvimento humano através da dança. Conhecido como Garatuja, palavra que na língua portuguesa significa rabisco, é para a psicologia uma etapa do desenho infantil. O projeto atende 25 meninas carentes da cidade satélite São Sebastião e possui mais 30 na fila de espera. O Garatuja surgiu em agosto de 2006 e oferece aulas de dança contemporânea, balé clássico e reforço escolar. As integrantes participam de atividades extras duas vezes por mês, como aulas de artesanato, passeios em locais culturais, teatros e visitas que exercitem a cidadania, como conhecer o Congresso Nacional. “Elas adoram esses passeios. Ficaram enlanguescidas com as salas do Centro de Dança do



D.F. Devem ser 10 ou 15 vezes maiores que a nossa.”, diz Daniela, que além de coordenadora também é professora de dança contemporânea no Garatuja.

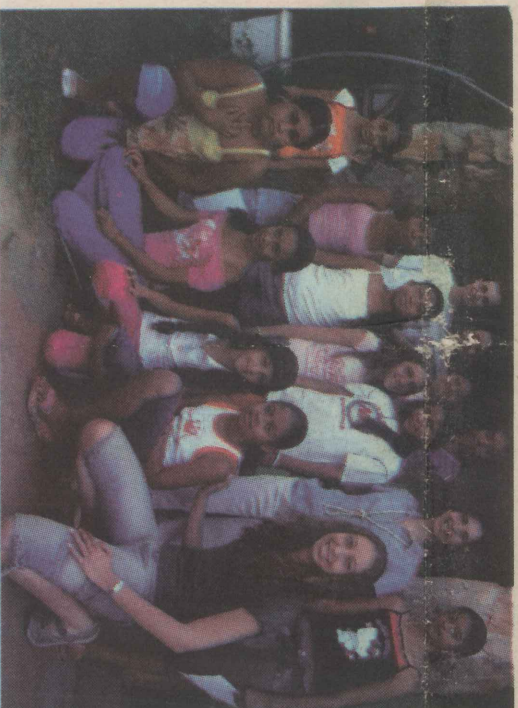
As pequenas bailarinas têm faixa etária de 10 a 14 anos, e precisam obrigatoriamente estar matriculadas na escola. São todas alunas do ensino público. O reforço escolar oferecido pelo projeto atua para diminuir o índice de reprovação. As “professoras” são monitoras voluntárias estudantes de graduação e profissionais de diversas áreas.

Em Família

O Garatuja não possui nenhum projeto de trabalho específico com as mães das meninas, que na maioria são separadas e possuem outros filhos. A renda média das casas é de no máximo dois salários mínimos. Segundo Daniela, nenhuma menina trabalha e algumas mães estão desempregadas, mas o retorno das famílias é sempre positivo: “A dança foi muito importante para minha filha porque aqui em São Sebastião não tem lazer, não

tem um parque. Eu prefiro que ela vá ao Garatuja do que fique só em casa. Além disso, ela melhorou na escola e o que eu não sei ensinar, como contas de matemática, as monitoras ensinam.”, diz Maria da Conceição Batista, 50 anos, mãe de uma das

sempre uma mesma calça jeans e sentia dificuldades em fazer os movimentos, já que o tecido dava pouca mobilidade para dançar. O pai, a custo de grande esforço, conseguiu comprar uma calça para a filha. Daniela decidiu contratá-lo para pintar



alunas do projeto.

A coordenadora conta que um dos depoimentos mais bonitos foi o do pai desempregado, que um dia levou pessoalmente e muito orgulhoso a filha às aulas de balé. A menina usava

a sala de dança das alunas, assim imaginou que podia ajudar um pouco na renda da família. Quando indagou quanto o pai cobraria ele respondeu de forma singela: “Nem tudo o dinheiro paga, o que você está fazendo

pela minha filha não tem preço”, conta a professora.

Para o segundo semestre, Daniela pretende tomar um grande passo. Irá visitar todas as casas e aplicar um questionário social para conhecer melhor a realidade das alunas e eventuais necessidades.

O questionário será muito detalhado e pretende levantar, entre outros assuntos, problemas de saúde na família e acesso a alimentos. Como nutricionista, Daniela se preocupa com o bem-estar das integrantes do grupo, algumas possuem problemas de pele, problemas nos dentes, casos de sobrepeso, baixo peso e provavelmente anemia. Por falta de estrutura, ainda não é possível que o projeto interfira diretamente na saúde das alunas. Para resolver dificuldades como estas, a coordenadora pretende montar uma equipe de voluntárias das áreas de saú-



pela minha filha não tem preço”,

conta a professora. Para o segundo semestre, Daniela pretende tomar um grande passo. Irá visitar todas as casas e aplicar um questionário social para conhecer melhor a realidade das alunas e eventuais necessidades.

O questionário será muito detalhado e pretende levantar, entre outros assuntos, problemas de saúde na família e acesso a alimentos. Como nutricionista, Daniela se preocupa com o bem-estar das integrantes do grupo, algumas possuem problemas de pele, problemas nos dentes, casos de sobrepeso, baixo peso e provavelmente anemia. Por falta de estrutura, ainda não é possível que o projeto interfira diretamente na saúde das alunas. Para resolver dificuldades como estas, a coordenadora pretende montar uma equipe de voluntárias das áreas de saú-